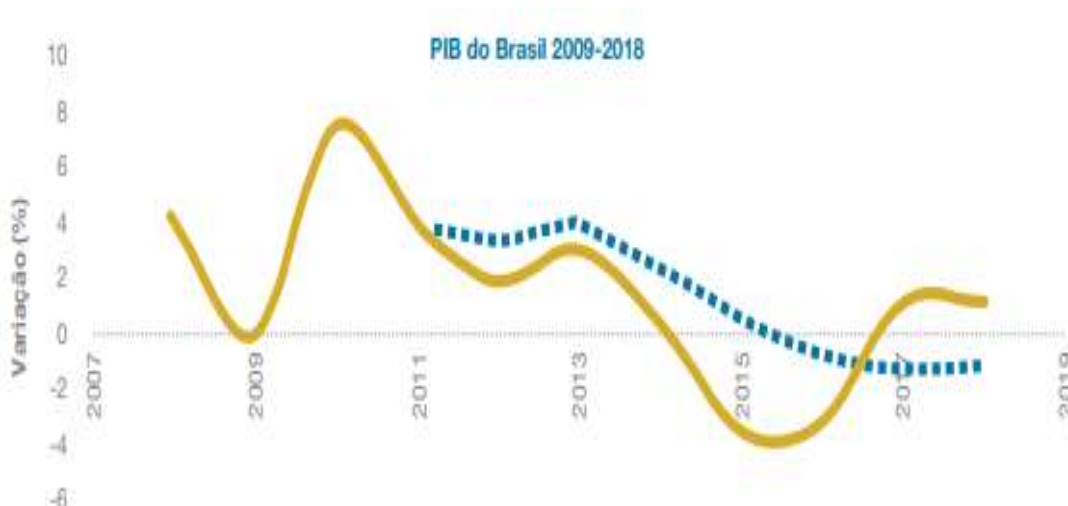


Este boletim é parte de um programa de pesquisa e extensão do curso de Ciências Econômicas da Universidade Católica de Santos, que é um processo contínuo de análise e disseminação de conhecimentos dos mais relevantes aspectos econômicos sociais, auxiliando à sociedade para melhor compreensão dos aspectos socioeconômicos que impactam à vida da região.

Elaborado pelo Laboratório Econômico Social (LABORES) da Universidade Católica de Santos, reúne estudantes e docentes-pesquisadores dos cursos da área de Negócios, sob a coordenação do curso de Ciências Econômicas.

Conjuntura Econômica

As constantes revisões das expectativas do mercado financeiro, divulgadas no Boletim Focus do Banco Central, para o comportamento da economia no corrente ano, vêm apontando para uma sequência de sucessivas estimativas de queda do PIB até atingir 1,0%, recentemente. Na hipótese desse dado se confirmar no final deste ano, o resultado será praticamente a repetição das taxas de 2017 e 2018, que foram iguais, e ficaram em 1,1%.



A perspectiva é a de que se caminha para a perda de mais uma década em termos produtivos. A trajetória apresentada pela economia brasileira (ver gráfico), nos últimos dez anos, (2009-2018) desenha uma curva, cujas taxas de crescimento, hoje, encontram-se bem distantes das do começo da década, principalmente a partir de 2014. A forte recessão no biênio 2015-2016 (3,5% e 3,3%, respectivamente), e as políticas econômicas adotadas nos anos subsequentes impediram que a taxa de crescimento médio ficasse acima de 1,1%.

Os dados de produção industrial divulgados pelo IBGE registram o avanço de 0,3% na passagem de março para abril, surpreendendo negativamente o mercado, cuja mediana apontava para um avanço de 0,7%. O nível atual da produção industrial está 17,3% abaixo do patamar máximo, alcançado em maio de 2011. Na comparação interanual houve recuo de 3,9%, levando a indústria a acumular queda de 2,7% neste ano.

Os dados do comércio varejista na passagem de março para abril divulgados pelo IBGE apresentam um recuo de 0,6%. O resultado, já na série livre de efeitos sazonais, surpreendeu negativamente ao mercado, cujas projeções apontavam para variações de -0,2% e -0,1%, respectivamente.

O baixo dinamismo da atividade econômica, mesmo após o fim da recessão em 2016, não tem sido suficiente para reverter a piora registrada desde 2014 no mercado de trabalho. De modo geral, o aumento da população ocupada tem sido insuficiente para reduzir a taxa de desemprego, que tem flutuado entre 12% e 13% desde meados de 2016. A ociosidade no mercado de trabalho tem contribuído para conter aumentos reais de rendimento, mantendo a massa salarial crescendo cerca de 2,5-3,0% ao ano.

As pesquisas recentes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostram que 5,2 milhões de pessoas procuram trabalho há um ano ou mais. Esse grupo representa 38,9% dos 13,4 milhões de desempregados no país. A maioria das pessoas que buscam

trabalho estão desempregadas há menos de um ano. Essa parcela da população soma 8,2 milhões de trabalhadores, o que representa 61,1% do total.

Segundo o IBGE, a taxa da chamada subutilização da força de trabalho foi de 25% no primeiro trimestre do ano. Isso significa que faltou trabalho para 28,3 milhões de pessoas no Brasil. O contingente de pessoas subutilizadas é recorde na série da Pnad Contínua, iniciada em 2012. O grupo reúne os desocupados, os subocupados com menos de 40 horas semanais e pessoas disponíveis para trabalhar, mas que não conseguem procurar emprego por motivos diversos.

Conclui-se que, conforme os recentes dados da atividade econômica divulgados, após o recuo de 0,2% do PIB no primeiro trimestre, a projeção para o segundo trimestre caminha para letargia e possível recessão.

Coordenador: Prof.º Me. Kerginaldo Tomio Yamashiro

Coordenação do curso de Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis Prof.º
Me. Elias Salim Haddad Filho.
Diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Saúde Prof.ªDr. Flávia Henriques